Sugestão de tema:

**Jogo eletrônico e suicídio**

Há muita preocupação por parte dos adultos a respeito do jogo Baleia Azul; afinal, trata-se de um jogo macabro de manipulação, especialmente de adolescentes, que em sua última fase propõe o suicídio como forma de vencer.

Mas me chama a atenção a absoluta falta de preocupação por parte dos adolescentes. Eles fazem

chacota, dizem que é tudo bobagem e falam de “cabeça fraca”, sobre quem se permite tal manipulação. Mas o que seria um “cabeça fraca”?

A adolescência é uma fase de crises – fisiológica, psicológica, moral e muitas vezes, também espiritual. No entanto, nenhuma dessas crises é capaz de levar alguém ao suicídio. Nem mesmo a uma “cabeça fraca”. Muito pelo contrário, é na crise que o sujeito se constitui. *A presença da família* dará a direção.

O adolescente que se suicida por intermédio de um jogo apenas usa esse meio como facilitador. Sua inclinação para o suicídio é pré-existente ao jogo.

O indivíduo tem propensão inata ao prazer, à vida. Há um impulso natural para a autorrealização, que significa viver em harmonia com seus objetivos, realizar-se. O suicídio significa a quebra da base existencial inata do ser.

Quando alguém se mata, vai de encontro à natureza humana, à sua própria essência. Para que isso ocorra, é necessário que esse adolescente esteja severamente adoecido, por doença mental que pode ser congênita, ou por situação de vida extremada, que o leva a um comprometimento comportamental bastante acentuado. De qualquer forma, trata-se de um adolescente em sofrimento mental, que precisa ser visto, ouvido e cuidado, independentemente de qualquer jogo.

Penso que esse jogo tenha vindo para *alertar pais que terceirizam* a formação de seus filhos, seja física, moral ou psicológica, à empregada da casa, ao porteiro, ao play. *Pais que não conhecem seus filhos*, pois ganhar dinheiro se tornou muito mais importante do que a sua presença. E repetem que “o importante é a qualidade do tempo que passam com os filhos”.

A qualidade do tempo que passamos com nossos filhos é, sem dúvida essencial; no entanto, a quantidade também é necessária. Ainda não são adultos, estão em formação, o que requer qualidade, mas também quantidade. Afinal, trata-se de alimento para a mente e também para o corpo, e o alimento de qualidade sem a devida quantidade, deixará a criança “desnutrida” – “cabeça fraca”, adolescente manipulável.

Compreendo que *às vezes os pais se ausentam para o sustento da família.* Para estes, a necessidade real de sobrevivência, dá aos filhos uma mensagem de amor. Se essa ausência for bem elaborada, os filhos não se sentirão em segundo plano.

Chamo aqui a atenção dos *pais que se ausentam para acumular dinheiro* para ir à Disney, para a viagem de férias, enfim, para o luxo. Não se trata de sobrevivência, mas de prazeres que deveriam ser secundários. E, neste caso, a mensagem é muito clara – o filho está em segundo plano, seja qual for a *prioridade desses pais.*

Paremos para pensar. Quando em nossa sociedade, *a presença da mãe*, cuidando dos filhos, se tornou menos importante do que o dinheiro que ela ganha produzindo coisas? Sim, produzindo coisas. Enquanto isso, seus filhos, que não são coisas, ficam relegados a segundo plano. Com suas roupas de grife e seus jogos eletrônicos de última geração.

Mas a responsabilidade é de todos nós, porque somos a sociedade que *desvaloriza a mãe* que se propõe a sê-lo integralmente, que não terceiriza. Somos nós, sociedade, que afirmamos “você não trabalha”, quando estamos diante da criatura que desempenha o trabalho mais importante para todos nós - a Administradora dos Projetos Sociais que serão o nosso futuro, afinal, cada um de nós é um Projeto Social.

E passamos a teorizar sobre jogos eletrônicos, como se eles tivessem todo o poder para destruir as mentes sãs de nossas crianças. Não são eles, somos nós!

Nem por um segundo pretendo retirar a responsabilidade e a culpa dos criminosos que elaboram tais jogos. No entanto, precisamos aproveitar a oportunidade de olharmos para nossa sociedade e nos perguntarmos: O que estamos fazendo com nossos meninos e meninas? Por que se tornaram presas tão fáceis?

Voltemos aos filhos relegados *– quais os pais que não veriam* a angústia, a dor de seu filho em sofrimento mental? E eu respondo: *os pais que não olham* para seus filhos com os olhos do corpo e do coração.

Não se trata de culpabilizar, mas de responsabilizar. Não somos culpados pelos atos de nossos filhos, mas co responsáveis. E essa responsabilidade precisamos assumir pessoalmente, não há como relegar.

Somos responsáveis pelo sucesso ou pelo fracasso da “baleia colorida ou de qualquer outro meio destrutivo que atinja nossos filhos. Nossos!

Parece piegas, de tão desvalorizado, mas reafirmo que é a *presença física da mãe* ou de quem faça o papel de maternagem, que tirará o poder dos criminosos que sadicamente constroem “brincadeiras” funestas.

*Família é a formula* mágica, simples assim!